

O

MINISTÉRIO adventista



O GRANDE CRISTÃO

PAULO P4

Os Movimentos Finais

A LEI da aceleração diz que "o espaço percorrido é igual ao quadrado do tempo gasto em percorrê-lo". Isto um tanto abstrato equivale a dizer que um corpo em repouso acelerado a 5 m x seg.², aumentará depois do segundo minuto a distância percorrida em quatro vezes; depois do terceiro, em nove, e depois do quarto em dezesseis vezes. (Enciclopédia Barsa, "Aceleração".) Nosso mundo parece ser muito fiel às leis da aceleração. Tudo nele tem ido como que adquirindo um ritmo gradualmente mais apressado. Vejamos alguns exemplos:

COMUNICAÇÕES. Em época tão recente como 1840, os sistemas eram praticamente iguais aos do Império Romano. Naquele tempo as vigias das torres do Império, mediante luzes ou bandeiras, transmitiam suas mensagens. Os gregos utilizavam os velozes corredores que com seu sistema de relevo, faziam chegar as notícias e comunicados. Os incas utilizavam os famosos chasquis. Mas o século dezenove trouxe uma renovação total e gradual dos sistemas de comunicação. Morse o inicia com o telégrafo e seu famoso código; segue-se-lhe Alexandre Graham Bell com o telefone (1875). Marconi, com a transmissão sem fio (1896), inaugurando-se a primeira linha transatlântica em 1901. Logo veio o rádio (primeira radiodifusão comercial em Pittsburg, EE. UU., em 1920), a TV comercial por volta de 1935, a comunicação via satélite iniciada ontem, por assim dizer. Tudo isto foi parte de um processo longo que logo deu resultados. Mas tudo revolucionou o mundo em questão de semanas ou até mesmo de dias. Dois anos depois da primeira radiodifusão comercial, havia nos Estados Unidos 400 mil radioreceptores.

Faz algumas semanas faleceu o presidente francês, notícia que o mundo inteiro conheceu em poucos minutos após ocorrer, tendo sido publicada com fotografias e amplo material em quase todos os periódicos do mundo na manhã seguinte. A notícia da queda de Napoleão em Waterloo só chegou à América meses depois, graças à lenta correspondência da época.

CRISES. Talvez o pulso do mundo seja dado pelas Bolsas de Comércio de Nova Iorque, Londres, Rio, Buenos Aires. Elas vibram no segundo com o mundo inteiro. Neste momento estão latejando ansiosamente ao contemplar a situação do presidente norte-americano. Sua renúncia ou demissão provocaria um imediato terremoto no mundo da Bolsa, e isto no exato instante em que se produzisse. Por outro lado a complexidade do sistema econômico mundial faz que uma simples decisão unilateral

de uma potência, seja esta política ou econômica, pode submergir o mundo num mar de dificuldades em questão de dias. Exemplo disto é a decisão dos países árabes de elevar o preço do petróleo e de restringir as cotas de importação. Foi alterado o movimento de Bruxelas, Los Angeles, Paris, Roma, Lima, etc. Estivemos em Iquitos, pleno coração da selva peruana, onde as 4 mil motocicletas da cidade estavam impedidas de circular das seis da tarde às seis da manhã! Tudo isto motivou um descalabro nos preços dos produtos, os automóveis grandes foram depreciados e houve uma verdadeira reação em cadeia.

POTÊNCIAS MUNDIAIS. Claus Jacob, em seu livro "O Dilúvio Humano", faz notar a aceleração na formação das grandes potências políticas e econômicas da História. Enquanto o Império Romano levou 400 anos para consolidar-se, o inglês levou apenas 150. Em épocas mais recentes os Estados Unidos, como potência mundial, surgiram em 75 anos, ao passo que os russos o fizeram em 50 e os chineses em 10.

POPULAÇÃO. Realmente impressionantes são as estatísticas do aumento da população mundial. Segundo Carlos Rowan e Davi Mazie (Seleções de janeiro de 1974, em espanhol, p. 13), o mundo alcançou o seu primeiro bilhão de habitantes em 1830. Passados cem anos tinha já dois bilhões, e só precisou de outros trinta para alcançar os três bilhões, e em 1975, a 15 anos da data anterior, já terá alcançado os quatro bilhões. Verdadeira aceleração! É o que se chama explosão demográfica ou "dilúvio humano", dado a livro por Claus Jacobi, autor de fascinante obra recentemente publicada. Mas essa aceleração não cessa. Segundo os autores acima mencionados, pelos fins do século serão necessários apenas cinco anos para se chegar a outro bilhão de seres humanos, chegando assim a superar os ratos, cuja multiplicação é conhecida e ainda mantém a supremacia.

A realidade é que hoje quase não se concebem crises, problemas e lutas regionais ou mesmo mais limitadas sem que o mundo se assiste coletivamente, se encolorize de forma coletiva e se informe de modo coletivo. Uma notícia ou um fato podem sacudir o mundo inteiro em minutos, já que se vive de modo coletivo.

Muito bem, que significado têm estes fatos dramáticos para um pregador ou Pastor adventista em 1974?

1) Que não é necessário esperar séculos, anos ou mesmo meses para que grandes mudanças ocorram no mundo. Tudo, até mesmo os fatos mais

Serão Rápidos

incríveis podem acontecer amanhã, ou mesmo hoje!

Examinemos O Conflito dos Séculos. Leis dominicais, perseguição, a tríplice aliança, brusca mudança na Natureza e atitudes da "besta que subiu da Terra" de Apocalipse 13, tudo, absolutamente tudo, pode acontecer em semanas ou mesmo em dias.

O mundo marcha acelerado e se precipita vertiginosamente para os dramáticos acontecimentos finais. As "loucuras" de Ellen G. White, para usar a linguagem de um escritor protestante, cumprem-se hoje de modo claro. Loucuras, porque ela falava no princípio do século de acontecimentos que pareciam totalmente absurdos. Hoje vemos que se cumprem diante de nossos olhos.

Ela declarou em certa ocasião: "Grandes mudanças estão prestes a ocorrer no mundo, e os últimos acontecimentos serão rápidos". — Joias de los Testimonios, Vol. 3, p. 280.

2) Que junto com esta declaração do Espírito de Profecia, há outra, bíblica, cujo cumprimento deve ser realidade na mesma época: "Porque o Senhor cumprirá a Sua palavra sobre a Terra, completando-a e abreviando-a". Rom. 9:28. A versão Almeida Revista diz, na parte final, "cabalmente e em breve".

Será nosso crescimento tanto numérico como em influência que exercemos paralelo ao da população mundial, das crises, o surgimento de potências mundiais e as outras "explosões" aqui analisadas? Vejamos nosso crescimento numérico no mundo: O primeiro meio milhão de membros foi alcançado em 1940 (levou 80 anos), o segundo em 1955 (15 anos), o terceiro em 1965 (10 anos), e o quarto em 1970 (5 anos). Na Divisão Sul-Americana é como segue: A marca de 100 mil membros foi alcançada em 65 anos, a de 200 mil em oito e a de 300 mil em apenas cinco. Graças a Deus estamos entrando em novos países e em novos territórios constantemente, o que é sinal de progresso acelerado.

3) Estaremos, como igreja, como obreiros, atualizados quanto às necessidades e possibilidades do mundo em que nos toca atuar? Não serão nosso enfoque ou nossos métodos apropriados para épocas já passadas e que não apelam às massas necessitadas de hoje? Por que o espiritismo, a magia e o esoterismo cativam a tantos milhares? Não seria

que embora não tendo nem pão e nem remédio para o mundo, estejam apresentando o falso como se fora verdadeiro, enquanto que nós, possuidores do pão e do remédio, não o estamos apresentando como devíamos? Inácio Vergara, sacerdote chileno, em seu livro "O Protestantismo no Chile", publicado em 1962, divide o protestantismo em três "reformas". A primeira inclui os luteranos e anglicanos, a segunda a metodistas, batistas, presbiterianos e adventistas entre outros. A terceira inclui os pentecostais. Ao analisar os três movimentos, chega a conclusão de que as duas primeiras reformas já foram superadas, pois "o impulso religioso-social que em um princípio moveu os fundadores no Chile e aos seus missionários, não está hoje em dia ao nível da grande inquietação social e mesmo espiritual do mundo. (...) São movimentos de uma época já superada. São igrejas de certo modo tradicionais, seu "avivamento no seio do protestantismo já passou". Pp. 106 e 225. Mais adiante ele acrescenta que a terceira reforma alcançou a alma do povo. (P. 226.)

Conquanto creíamos ser um grande erro incluir a igreja adventista entre alguns destes movimentos e atribuir-lhe tal destino, sua declaração deve fazer-nos pensar. Isto foi escrito em 1962. Em 1969 o livro "O Crescimento da Igreja na América Latina", diz o seguinte ao analisar seus autores a igreja adventista no Chile: "A igreja adventista tem sabido chegar à alma dos chilenos". O aumento numérico durante o espaço 1962-1969 não foi tão grande, mas viu-se um fortalecimento respeitável.

Teremos de aprender mais a chegar à alma deste mundo que se precipita perigosa e velozmente para um beco sem saída? "Quando os acontecimentos finais se apressam, a obra do Senhor a nós entregue deve também ser 'abreviada' para ser rapidamente 'consumada'. O fardo das necessidades de nossas cidades tem pesado tanto sobre os meus ombros que algumas vezes pareceu que eu ia morrer. Que o Senhor dê sabedoria a nossos irmãos, para que saibam como levar avante a obra em harmonia com a vontade de Deus". — Evangelismo, p. 34.

Não lhe parece, estimado leitor, que valeria bem a pena gastar algumas horas em meditação e oração, analisando estes pensamentos?

— Rubén Pereyra

O MINISTÉRIO 3

1974, É Hora de Colher!

O Grande Cristão Paulo

Uma imagem humana e cristã da personalidade de Paulo, baseada em sua Epístola a Filemom.

Joel Sarli

Professor de Teologia do IAE



4 SETEMBRO-OUTUBRO

Cristo Vem, Prepara-te!

ESTAMOS habituados a pensar em Paulo como o intrépido bandeirante da Cruz, o imbatível apologista do evangelho, o incansável evangelista itinerante, o arquiteto da teologia da justificação pela fé, e estamos nos esquecendo de realçar as virtudes de Paulo como um grande cristão.

Na pequena epístola a Filemom, encontramos a revelação desta profunda e humana história de um Paulo vivendo a experiência de um cristão amigo, compreensivo, paciente e cortês e ainda com reflexos de sadio toque de humor.

O cenário do drama é armado, primeiramente em Colossos, uma cidade situada às margens do rio Licus, um tributário do Meander, distante de Éfeso 150 quilômetros, aproximadamente; então Roma, a metrópole da margem do Tibre.

O principal ator é Paulo, servo de Jesus Cristo e apóstolo dos gentios; depois Filemom, um bem conhecido cidadão de Colossos que mantinha uma pequena congregação de cristãos em sua casa; e o escravo Onésimo.

Parece-nos que Onésimo não tinha feito jus ao sentido de seu nome. Onésimo era um nome comum dado a escravos e significava "útil". Tal nome era freqüentemente dado a escravos, na esperança de que a associação com o seu significado pudesse motivar uma vida de fidelidade ao senhor.

Mas Onésimo na realidade tinha se tornado pior que "inútil" e encontrava-se nas ruas da capital do império como um marginal, um escravo ladrão e fugitivo. (Filemom 11, 15, 18.)

Não sabemos como Onésimo entrou em contato com Paulo, então prisioneiro em Roma.

Talvez nas sombras das estreitas ruas da cidade de Nero, Onésimo tenha se encontrado com Epafros, um associado de Paulo, e este o tenha levado ao apóstolo em busca de conselho ou mesmo proteção, pois que Onésimo sabia do respeito que seu senhor Filemom devotava àquele que lhe apresentara Jesus, durante sua temporada evangelística em Éfeso. (Col. 2:1; Fil. 19.)

Onésimo tornou-se amigo de Paulo.

Que quadro soberbo de humildade e nobreza se pintou dentro daquela prisão! O apóstolo, com os braços ligados a pesadas e ferruginosas correntes, com os olhos fixos no semblante assustado do jovem escravo, numa contemplação de complacente ternura, ouve o enredo do sombrio

romance de pecado e vergonha, somente interrompido para algumas palavras de reprovação e conselho.

Podemos bem imaginar que Paulo contou para o infeliz rapaz o enredo de uma outra história — a parábola do Filho Pródigo, a história da redenção, reminiscência de Jesus.

De uma coisa estamos certos: que sob a influência do apóstolo, Onésimo tornou-se um sincero converso da fé cristã, e um devotado e útil amigo do apóstolo em cadeias.

Deveras foi tão leal e útil esta amizade que Paulo achava difícil separar-se de Onésimo, e usando as próprias palavras da epístola a Filemom, "torna a recebê-lo como ao meu próprio coração" (vs. 10-13), notamos quão íntimo era este companheirismo.

Mas havia naquela história uma imperiosa implicação que não pode ser ignorada. Por um lado, Paulo era obrigado tanto pelo costume social dos romanos como pela responsabilidade cristã, a devolver Onésimo ao seu legítimo senhor.

Onésimo era, pois, obrigado a voltar, primeiro pela força de um requerimento legal, e agora mais pela força da ética cristã.

Segundo uma autoridade em assuntos do Novo Testamento, "a lei indicava que se um escravo fugitivo procurasse asilo na casa de um amigo, este estava sob a obrigação legal de dar proteção ao solicitante, pelo menos temporariamente, enquanto se optasse por um de dois recursos: Primeiro, o protetor poderia tentar uma reconciliação. Segundo, se o escravo se negasse a aceitar o retorno, o protetor era obrigado a vendê-lo a uma casa de comércio e pagar ao legítimo dono o preço total da venda.

"Esta segunda alternativa poderia trazer duras possibilidades para o escravo, uma vez que sua situação poderia afetar a atitude do comprador. Possivelmente ele seria comprado somente para certos trabalhos, tais como o de galera ou de minas.

"Ante tais perspectivas, um escravo geralmente aceitava de bom grado a reconciliação".¹

"Claramente, o retorno de Onésimo implicava uma demanda de responsabilidade ética de Paulo, porém demandava muito mais da parte de Onésimo: renúncia e humildade.

Retornando para Filemom, Onésimo ficaria inteiramente a mercê de seu mestre. "Quando um escravo retornava, ele ficava completamente nas mãos do senhor, que por uma mínima ofensa

poderia entregá-lo a açoites, ou à crucifixão ou para ser lançado na cova dos leões".²

Eis que surge a oportunidade esperada para Onésimo — retornar!

Tíquico veio de Colosso, trazendo os problemas da igreja para orientação e conselhos de Paulo.

Paulo ouviu atentamente "as palavras do irmão amado e fiel ministro e conservo do Senhor" (Col. 4:7) e escreve a reveladora carta aos Colossenses, e valendo-se da oportunidade traça algumas notas para Filemom, como uma apresentação-cobertura, para Onésimo.

"Paulo, prisioneiro de Jesus Cristo e o irmão Timóteo, a Filemom nosso amado cooperador, e a nossa irmã Áfia (provavelmente esposa de Filemom) e a Arquipo (provavelmente filho), nosso soldado companheiro e à igreja em sua casa, graça a vós da parte de Deus nosso Pai e da do nosso Senhor Jesus Cristo". (Fil. 1-3).

Com que delicadeza e tato Paulo preparou o caminho para o seu principal propósito na carta: "Graças dou ao meu Deus, lembrando-me sempre de ti nas minhas orações; ouvindo a tua caridade e a fé que tens para com o Senhor Jesus Cristo e para com todos os santos; e oro para que tua fé seja eficaz ao partilhares o conhecimento de todo o bem que em vós há por Jesus Cristo.

"Porque eu tive grande gozo e conforto por teu amor, pois que por ti, ó irmão, o coração dos santos foi recreado".

"Ainda que eu tenha plena liberdade de exercer minha autoridade em Cristo para dizer o que te convém fazer, eu todavia prefiro apelar-te apoiado no amor. Sim, eu poderia dizer-te como embaixador de Cristo como agir, mas eu prefiro apelar-te como Paulo, o velho, o prisioneiro de Jesus Cristo.

"O meu pedido é por meu filho na fé, gerado aqui mesmo na prisão. Eu me refiro a Onésimo.

"Eu sei que o julgas já inútil, mas fica certo de que agora ele tem realmente se tornado útil duplamente, para ti e para mim (indubitavelmente Paulo se vale de um trocadilho com o significado do nome "Onésimo").

"Bem, eu o estou enviando a ti (e é como que se enviasse o meu próprio coração), embora eu preferisse conservá-lo aqui comigo, para que por ti me servisse aqui nas prisões do evangelho. Mas nada quis fazer sem o teu consentimento.

Eu não quero que a tua gentileza seja feita por necessidade mas voluntariamente.

"É bem possível que foi pela providência de Deus que ele se separou de ti por um curto período de tempo para que o pudesse ter de volta, não mais como um escravo, naturalmente, porém muito mais do que um escravo, um querido irmão.

"Ele é muito caro a mim, mas creio ser mais ainda a ti, agora não só como homem, mas como cristão".

Agora Paulo continua: "Assim pois, se me tens por companheiro, recebe a Onésimo como que se estivesses recebendo a mim mesmo, e se ele te causou algum prejuízo, ou te deve alguma coisa, põe isso na minha conta. "Aqui está o número do meu cartão bancário". Eu pagarei tudo. Assinado, Paulo.

"P. S. — Eu penso que não é necessário te dizer que ainda a ti mesmo a mim te deves. Sim, meu irmão, dá-me mais esta alegria no Senhor; recreia o meu coração em Cristo.

"Eu tenho confiança de que dará tua cooperação uma vez mais. Deveras eu estou seguro de que farás mais mesmo do que te peço".

Paulo conclui com saudações e uma bênção apostólica: "Epafras (fundador da igreja de Colosso) meu companheiro de prisões por Cristo, Marcos, Aristarco, Demas e Lucas, meus colegas, enviam saudações.

"A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo seja com o vosso espírito. Amém.

"Assim Onésimo voltou para o seu antigo senhor com a melhor credencial possível, uma carta autografada pelo grande apóstolo".³

Temos nós alguma outra notícia de Onésimo depois deste episódio? Aproximadamente 15 anos mais tarde, depois que Paulo escreveu esta breve epístola, um outro grande cristão escreveu uma carta de fé, Inácio, bispo de Antioquia, e a enviou à igreja de Éfeso. Nesta carta, Inácio exorta aos cristãos a seguirem o exemplo do bispo da Igreja de Éfeso, "como um homem de inexprimível amor", referindo-se a Onésimo.

Paulo, o grande cristão provou que uma vida pode salvar vidas.

1. Goodenough R. — Harvard Theological Review 22 - 1929.
2. Lightfoot J. B. — St Paul's Epistles to the Colossians and Philemon, p. 306.
3. Hunter A. M. — Introducing the New Testament, p. 145.

Na Contagem Para o Século 21

Programa de Evangelização Unida, com a Participação de Pastores e Médicos.

Há vários meses o Pastor J. R. Spangler e o Dr. J. Wayne McFarland têm estado trabalhando na preparação de um material para ser usado em campanhas de evangelização, tendo por base a mensagem de saúde. Com a participação de um seleto grupo de colaboradores eles prepararam os temas e demais material, tendo sido estes provados num plano piloto levado a cabo em Portland, Oregon, Estados Unidos, em 1973, depois do que foi adaptado o material naquilo que a experiência aconselhou.

Copiamos o esboço geral do plano tal como foi publicado em "The Ministry" de maio de 1974, sob o título: "Na Contagem para Século 21", antecipando deste modo, aos leitores o plano que oportunamente entrará também nos países em que circula O Ministério Adventista.

Curso de Preparo para Uma Vida Mais Saudável

Fase 1: Programa de Preparo dos Membros — "Vida Saudável, uma Porta Aberta"

Série de dez reuniões noturnas, destinada a estimular os membros da igreja a um interesse renovado nos princípios do viver saudável como encontrados na Bíblia e no Espírito de Profecia. Mediante aplicação pessoal dos passos simples para a saúde, os participantes serão levados ao vigor físico, mental e espiritual, e a uma nova apreciação de nossa estupenda mensagem de saúde. Destina-se também a conduzi-los à aceitação do desafio final de se envolverem em trabalho evangelístico médico-missionário.

- Inclui, um roteiro que está sendo preparado pelos Departamentos de Saúde e de Atividades Leigas da Associação Geral e a Associação Ministerial, destinado a garantir o envolvimento total dos participantes no programa.
- Esboços para orientação dos líderes na apresentação passo a passo do programa.
- Livro de texto para o programa de Uma Vida Mais Saudável — Saúde, Felicidade, Santidade, coautoria de Leo R. Van Dolson e J. R. Spangler.
- Transparências (slides) para um período de 12 a 15 minutos, produzidas pela Escola de Saúde da Universidade de Loma Linda, como introdução a cada apresentação.
- Teams (times) de membros organizados para evangelismo médico-missionário.

Fase 2: Serviços para a Comunidade

- Começa com uma pesquisa sobre saúde na comunidade, a fim de descobrir e sentir as necessidades da comunidade para um programa específico de saúde.
- Os times de trabalho médico-missionário apresentam programas como o "Como Deixar de Fumar em Cinco Dias", classes de arte culinária, programas de educação física, hora de Histórias para Crianças sobre questões de saúde, Temperança no Lar, etc.
- Secundar todos os contatos dos programas de saúde com cursos sobre saúde e distribuição de literatura sobre o mesmo assunto.

Fase 3: Curso de Preparo para Uma Vida Mais Saudável

Série de vinte e uma noites de apresentações integradas de doutrinas e saúde, dirigidas com vistas a educação de adultos, com participação do auditório, utilizando o roteiro e slides, preparada por J. Wayne McFarland, médico, J. R. Spangler, e Leo R. Van Dolson.

- Mistura conhecimento médico-científico com princípios adventistas de vida saudável.
- Destinado a conduzir a conversão mediante os passos a Cristo, e então introduz a tríplice mensagem angélica como base para a compreensão da mensagem adventista. É um proveitoso método de aproximação à mensagem.
- Utiliza material do Espírito de Profecia desde o início, e apresenta o dom de profecia, como dado a Ellen G. White, em determinado ponto do programa, de modo que se possam tirar vantagens do excelente material descritivo que ameniza doutrinas tais como o segundo advento, o sábado, etc. Destina-se também a aproveitar o interesse atual pelos dons carismáticos.
- Incorpora demonstrações práticas de princípios de saúde e sugestões específicas de como podem os participantes adotar esses princípios em sua vida diária como uma rotina. Todo o material descrito acima poderá ser obtido por meio da Associação Ministerial da Associação Geral, exceto os programas de slides. Embora o programa não esteja liberado para uso geral até as reuniões da Associação Geral em 1975, os obreiros que desejarem participar do programa em forma de teste em campo experimental, devem entrar em conta com a Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana. Arranjos para campo experimental fora da América do Norte devem ser feitos com o secretário da Associação Ministerial da Divisão em conselho com a Associação Ministerial da Associação Geral.

OS DEZ MANDAMENTOS PARA OBREIROS

“Os 10 Mandamentos para Obreiros” é um esboço de um dos sermões que o Pastor D. Hunter pregou durante as reuniões de fim de ano da Divisão, no Líbano, Beirute. Pensou-se que toda a equipe ministerial da Divisão apreciaria ter este material do sermão.

Não terás outros interesses diante de Mim.

— Sejam quais forem os outros interesses ou *hobbies* que tenhamos, Deus e Seu trabalho devem vir em primeiro lugar.

Não terás nenhuma atividade suplementar, negócios, bens imóveis, câmbio negro, ou qualquer outra coisa que te desvie do sagrado chamado.

— Nós não necessitamos nada mais das coisas deste mundo, porém o Senhor necessita nossos esforços.

Não tomarás o nome dos irmãos da igreja em vão.

— Não devemos tentar destruir a obra de algum outro homem, mas construí-la e agradecer a Deus pelo seu êxito.

Lembra-te das tuas horas de estudo e oração, guardando-as sagradas.

— A fim de não falharmos, devemos ter um período regular para o estudo, oração e meditação.

Honra a tua esposa e aos teus filhos para que se prolonguem os teus dias na missão ou instituição que o Senhor te deu.

— O êxito da igreja depende da influência do lar. As grandes e boas coisas realizadas para Deus não podem saldar o débito que um obreiro tem com Deus de cuidar de seus próprios filhos.

Não matarás:

a. O Tempo.

— Devemos ser organizados e fazer somente as coisas que deveríamos fazer. Seremos responsáveis pela maneira como usamos nosso tempo.

b. O Público.

— Os pregadores podem fazer isso, falhando em alimentar satisfatoriamente o seu rebanho, ou dando-lhe alimento em excesso.

c. A Liderança nas Instituições.

— Alguns crêem que se tornam capazes tão logo são eleitos para um cargo. Desenvolvamos a liderança entre os que nos cercam, em lugar de assumir toda a responsabilidade sozinhos.

Não cometerás adultério.

— Em todo o tempo evita a aparência do mal.

Não furtarás:

a. Os sermões de outros obreiros.

b. Os obreiros de outros campos.

Não dirás falso testemunho, pregando fábulas e outras coisas semelhantes.

— Nós não somos salvos pelo que fazemos para Deus, mas pelo que Deus faz por nós.

Não cobiçarás o cargo administrativo de teu semelhante, nem sua instituição, nem seus obreiros, nem seu orçamento, nem seu equipamento, nem coisa alguma do teu próximo.

Ação e

SACRÍFÍCIO

José Carlos Ramos

Evangelista — Assoc. Rio-Minas

“AS CIDADES devem ser trabalhadas. Os milhões que residem nesses centros densamente populadas devem ouvir a mensagem do terceiro anjo”. — *Evangelismo*, p. 35.

O obreiro que sente verdadeiro amor pelas almas perdidas, e almeja ver a obra terminada, não pode estar tranqüilo enquanto milhões jazem em trevas de pecado nas grandes e pequenas cidades deste mundo. A Sra. White conta do quanto se desgastava trabalhando em prol das multidões citadinas: “O encargo das necessidades de nossas cidades tem pesado tanto sobre meus ombros, que algumas vezes parecia que eu ia morrer”. — *Id.*, pp. 43, 35.

Em realidade, cada cidade se constitui em tremendo desafio para o evangelismo. Quantos vivem nestes centros esmagados sob todo tipo de pressões, angustiados, neuróticos, escravizados por vícios e pecados, sem esperança, ansiosos por alguma coisa que lhes alivie os fardos, infunda alguma certeza e lhes traga um pouco de paz. Se os irmãos querem ter uma prova disto, procurem saber daqueles que cuidam do TELEPAZ, dos dramas e conflitos de que tomam conhecimento diariamente. E os casos que não chegam aos nossos ouvidos? Quem pode prever o que aconteceu em nossa própria vizinhança, nas últimas 12 horas?

Como atingiremos estas almas, nós os que possuímos a única solução para os seus problemas?

Acredito que uma série de conferências é um dos mais eficazes meios de chegarmos até onde elas estão. É difícil prever todos os resultados de um trabalho evangelístico feito com amor, dedicação e inteligência, sob a direção de Deus. De vez em quando se ouve falar de uma série realizada há 5 anos ou mais, e que até hoje tem produzido frutos para o celeiro de Deus.

Por que cada obreiro, neste ano da colheita, não realiza um série de conferências? Escolha o local, faça seus planos, estruture o trabalho, e coloque mãos à obra. Prepare o terreno, para que ao semear, você possa colher o máximo. Material não nos falta: temos fichas de pesquisa, lições da Escola Radiopostal, “A Bíblia Fala”, programas radiofônicos. Use a força leiga. Faça um esquema de trabalho, um planejamento missionário; apresente à igreja o grande desafio; os irmãos querem trabalhar.

Sim, este é o ano da colheita. Mas não podemos colher, se cruzarmos os braços. Colheita exige ação, e ação requer muitas vezes sacrifício. Que exemplo encontramos em Paulo? Ele afirma que pregava a tempo e fora de tempo. Notemos suas palavras aos anciãos da igreja de Éfeso: “Jamais deixei de vos anunciar coisa alguma proveitosa, e de vo-la ensinar publicamente e também de casa em casa”. Atos 20:20.

Este era o método de Paulo: “publicamente” (às multidões reunidas), “e de casa em casa” (visitação aos lares). Uma série de conferências não é porventura o plano missionário que mais se assemelha à maneira de Paulo trabalhar?

Ele nos fala de seu trabalho “de cidade em cidade” (v. 23) e de tudo o que sofria por amor do evangelho. Sua grande meta era finalmente atingir Roma, a grande metrópole do seu tempo, e o Senhor assegurou-lhe que ele teria esta oportunidade (Atos 23:11). Deus conhece os anseios de um evangelista, e lhe dará condições e poder para realizar o trabalho.

Que trabalho maravilhoso poderemos também realizar, movidos pelo espírito evangelístico de que Paulo era possuído! Lembremos que o mesmo Deus que operou através do apóstolo, está a frente de Sua Obra hoje. As maravilhas do passado poderão se repetir neste ano da colheita. Estamos nós prontos e dispostos?

O MINISTÉRIO 9

1974, É Hora de Colher!

Necessítamos de Maís Sermões “Ad Hoc”

Ad Hominem



Addendum



D. A. Delafield

Secretário Associado do Patrimônio Literário de Ellen G. White

ALGUNS sermões jamais devem ser pregados. São aqueles sermões que na maioria dos casos podem ser classificados sob os seguintes títulos em latim:

1. A variedade *ad hominem*. As palavras latinas significam “apelação aos sentimentos e preconceitos de uma pessoa, antes que ao seu intelecto”. Não quer dizer que preguemos sermões intelectuais em si, mas sim que nos identifiquemos com a apresentação da verdade com argumentos convincentes e inteligentes bem documentados, e com uma exposição bíblica clara e plena do Espírito! Jesus deve sempre estar na frente como o grande Tema. O sermão deve ser apresentado como Ele faria, apelando não ao intelecto meramente, como faziam os gregos, ou às emoções somente, como os romanos, mas à vontade do homem. “Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica, será comparado a um homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha”. S. Mat. 7:24.

2. O discurso *addendum*. As palavras latinas significam “uma coisa acrescentada... um suplemento” — mais exatamente um apêndice, mas apêndice próprio para ser removido [apêndice infeccionado]!

Há com efeito sermões *addendum*, sermões que talvez tenhamos todos pregados já, mas que jamais deveriam ter sido apresentados a um auditório, por supérfluos, por inúteis, sem um propósito específico e objetivo — como livros adicionados à Bíblia ou como ornamentos fantasiosos que uma pessoa use — que apenas acrescentam vivacidade e espiritualidade, mas não atrativo espiritual e apelo à alma. Nenhum pregador devia pregar um sermão que se torne texto para sua própria condenação como homem superficial!

3. A variedade *ad infinitum*. Webster explica a expressão latina como significando “sem fim” ou “sem limite”. Todos conhecemos a história do homem sentado no banco da frente com o relógio na mão, o qual ele consulta constantemente, enquanto ouve o interminável sermão do pregador. Isto é mau, naturalmente, mas não é pior do que aquele que ouve pacientemente o eterno sermão, e finalmente, em desespero tira o relógio e chega-o ao ouvido para ver se continua funcionando! E para males e pesares ele se põe a sacudir o relógio freneticamente! A solução é pregar sermões mais apelativos, mais poderosos, mais plenos de Cristo. Isto é realmente o de que se necessita.

4. O sermão tipo *ad nauseam*. Felizmente estes sermões não são muito freqüentes, mas de vez em quando os ouvimos. A expressão latina significa “ao grau do mal-estar”. Todos temos ouvido uns poucos sermões durante nossa vida, em que o pregador inculca pormenores de sua experiência excessivamente humana antes de se converter. Soa como se ele estivesse a se vangloriar de sua anterior vida de pecado.

Há algumas vezes detalhadas e freqüentes mensagens sobre “sexo” que ferem a sensibilidade algumas pessoas e fazem revolver o estômago de outras que, embora reconhecendo a necessidade de tais explanações, entendem não deverem as mesas ser expostas de público e com minúcias.

Talvez estejais lembrando outros sermões que jamais deviam ter sido pregados, embora não encontreis a expressão latina para classificá-los. Isto, porém, não tem importância. O importante é chamar a atenção para os bons sermões, como por exemplo o da variedade *ad hoc*. Esta expressão latina significa “para o caso particular e o propósito à mão”, ou seja, para o momento próprio. Necessitamos de mais sermões *ad hoc*, que tratem de problemas de importância imediata para a congregação. São necessários também sermões que levem em conta a glória de Deus e Sua soberania. Sermões que tenham a Cristo como centro e esclareçam sobre a mensagem do terceiro anjo, incluindo-se advertências contra as incursões dos costumes do mundo na igreja. Tais sermões são certamente necessários em tempos como estes. Sermões que tratem de situações imediatas e de crise são justificáveis e importantes. Seriam melhor desenvolvidos, entretanto, partindo do contexto da história da salvação como a temos nas Escrituras.

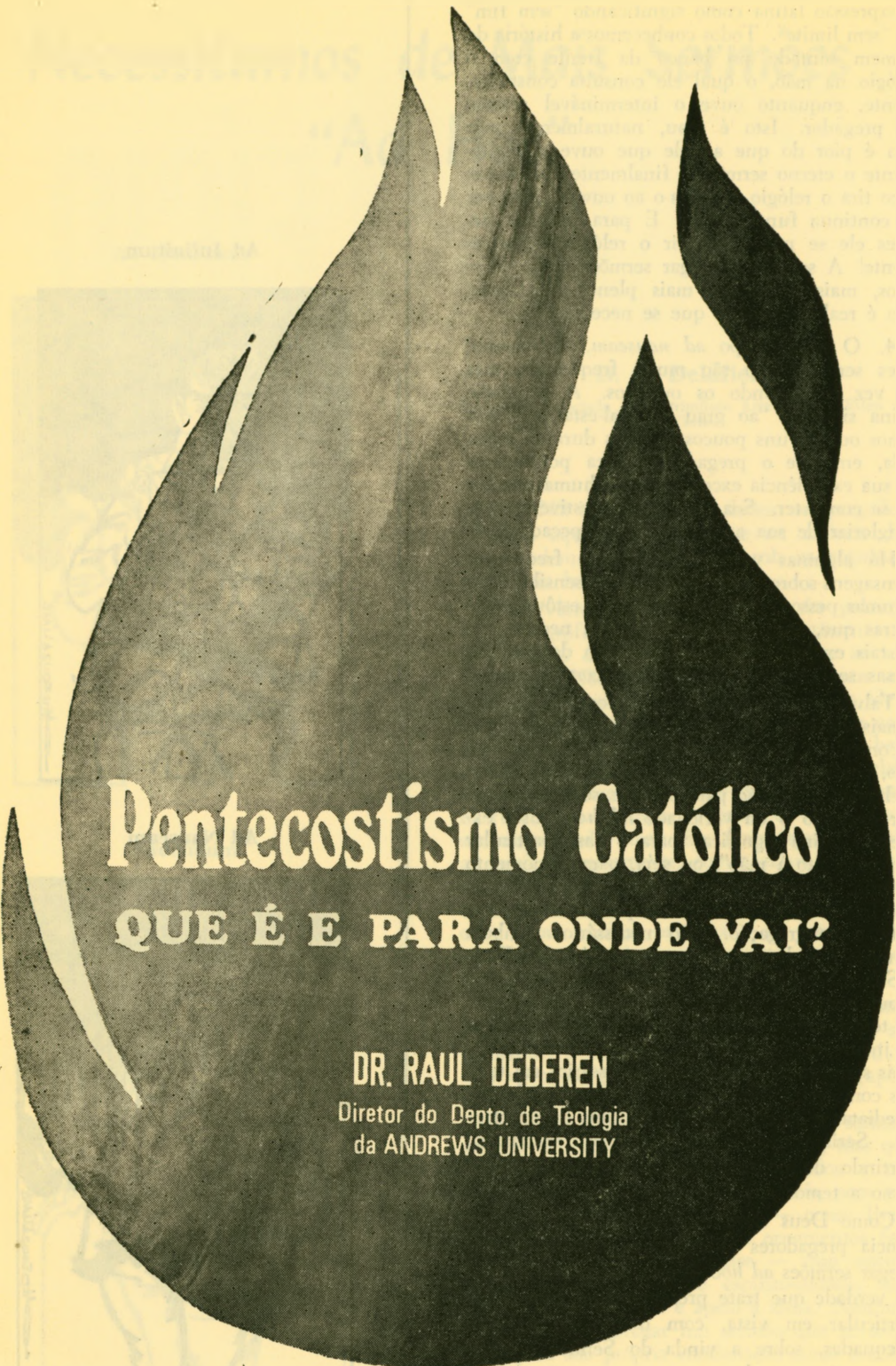
Como Deus deve estar procurando com urgência pregadores atilados que saibam quando pregar sermões *ad hoc* — esta pode ser a espécie de verdade que trate presentemente com o fim particular em vista, com o uso de palavras adequadas, sobre a vinda do Senhor e nossa preparação para ela.

Ad Infinitum



Ad Nauseam





Pentecostismo Católico

QUE É E PARA ONDE VAI?

DR. RAUL DEDEREN
Diretor do Depto. de Teologia
da ANDREWS UNIVERSITY

12 SETEMBRO-OUTUBRO

Cristo Vem, Prepara-te!

CHAME-SE-LHE reavivamento, renovação espiritual ou o que seja, a verdade é que algo grande e de significado incomum está acontecendo no catolicismo romano. Cantando com grande entusiasmo, erguendo as mãos enquanto oram, falando e cantando em línguas, dezenas de milhares de católicos pentecostais proclamam uma profunda vida de oração, louvam a Deus por uma conversão em permanente processo e estão estudando as Escrituras numa escala raramente vista na história do catolicismo. Descrito por alguns como “álacre emocionalismo”, e temido por outros como “simplesmente outro fator divisionista”, o pentecostismo católico está crescendo.

Alguns católicos estão completamente entregues ao movimento. Alguns mostram cautela, até mesmo ceticismo. Mas a despeito de tudo bispos, e um número crescente de padres e freiras, e milhares de leigos, estão presentemente olhando com expectativa para as manifestações pentecostais — ou carismáticas, como muitos preferem chamar.

Envolvimento Católico

O pentecostismo tem estado tradicionalmente associado com igrejas protestantes. Mas pelo início de 1967, de modo mais notável numa semana de retiro de estudantes da *Duquesne University*, em Pittsburgh, teve início dentro da igreja católica o que veio a ser um movimento unificado. Ele foi precedido por um acúmulo de frustração em relação à estagnação espiritual, orações de leigos preocupados e a leitura do livro de David Wilkerson, pastor pentecostal, intitulado *A Cruz e o Punhal*. As notícias se espalharam pela Universidade de Notre Dame e o *campus* da Universidade de Michigan, onde os estudantes e a faculdade inscreveram os protestantes locais para que ajudassem na promoção de suas reuniões de oração. Dessas duas fontes, de início, mas também de outros começos independentes em Los Angeles, Bóston, e outros lugares, o movimento se espalhou através dos Estados Unidos até o Canadá.

O dramático crescimento do movimento pentecostal católico — que de modo algum permanece confinado aos *campus* — pode ser ilustrado pelo fato de que pela primavera de 1967 umas 90 pessoas se reuniram em Notre Dame para o primeiro congresso pentecostal católico.

Idêntico congresso atraiu 150 pessoas em 1968, cerca de 450 em 1969 (o primeiro congresso realmente nacional), 1.400 em 1970, 4.500 em 1971 e 10 mil em 1972. Na primeira semana de junho de 1973, uns 25 mil se reuniram para o sétimo congresso de renovação carismática católica no estádio de Notre Dame. Há hoje nos Estados Unidos mais de 200 mil deles, organizados em mais de 1.200 grupos de oração, como o indica o livro de endereços publicado pelo movimento.

Há também uma recém-criada revista, o *The New Covenant*, em Ann Arbor, Michigan, com uma circulação de 22 mil exemplares, o dobro do número do ano anterior. Mais recentemente o movimento tomou pé em países outros, onde cresce como cogumelo, inclusive em Hong Kong, na Coreia, no Peru, na Austrália, França, Brasil e até mesmo em Roma.

Por que o Sucesso?

Que explica o crescimento fenomenal e sucesso do movimento? Alguns poderão, é claro, atribuí-lo a fatores psicológicos e sociológicos. Isto já foi feito. Mas a resposta, creio, jaz mais no fundo. Há entre os católicos uma fome espiritual, uma experiência mais pessoal, mais íntima, na vida religiosa — fome que não está sendo satisfeita. Um tempo de desencanto com reformas institucionais na igreja, tem levado muitos a buscar a experiência religiosa na oração em comunidade. Como resultado, uma religião que havia sido estática e distante vem de súbito à vida para o crente espiritualizado, de modo a permear a existência de cada dia. Os participantes sentem a proximidade de Deus, com o vigor e a esperança difundindo-se em sua vida. Eles experimentam por vezes o cáldo e pesado senso da divina presença, o que lhes comunica paz interior e comunicabilidade mútua, algo que jamais haviam conhecido antes, de cuja existência nem sequer suspeitavam. Alguns deles dizem que falam línguas, e outros que não. Mas todos se dizem batizados no Espírito”, conhecer um constrangedor senso do amor, um espírito de união nem sempre encontrado em outros envoltimentos religiosos de leigos.

Os católicos pentecostais são um grupo ebuliente. Cantam e oram com ênfase, pontuando suas palavras com a exclamação propositada: “Glória a Deus!” Não há negar que na maioria

dos casos eles receberam sua “experiência pentecostal” por intermédio de um pentecostismo não católico. Como já mencionado, *A Cruz e o Punhal* de David Wilkerson foi a semente da qual brotou o movimento em mais de um lugar, enquanto em muitos outros foi por meio de associação com o movimento pentecostal conhecido como *Associação Internacional de Homens do Evangelho Pleno* que os católicos primeiro encontraram esta nova tendência. Mas a despeito desta herança o pentecostismo católico tem revelado um tono diferente daquele que se encontra nas igrejas pentecostais. Os católicos carismáticos não são em geral dados a emoções em seu culto, nem crêem que a glossolalia — dom de línguas — seja necessariamente um sinal do batismo do Espírito. As línguas, para eles, são unicamente um dos inúmeros dons espirituais. A evidência do batismo do Espírito é uma vida transformada.

Crescente Aceitação

O jargão do movimento, sua forma de orações públicas sabendo ao velho modelo de reavivismo protestante, sua ênfase sobre a importância de experimentar o poder do Espírito Santo mediante o “carisma”, fez que muitos católicos olhassem com desconfiança o movimento. Muitos ainda o fazem, embora uma das coisas mais salientes no congresso pentecostal de 1973 realizado em Notre Dame, foi que a renovação carismática católica ganhou obviamente nova consideração como força no seio do catolicismo contemporâneo. O movimento não atrai mais apenas os estudantes, mas notoriamente também uma vasta variedade de católicos. Houve também sinais de sua crescente aceitação pela hierarquia da igreja católica. Assim, por exemplo, oito bispos, incluindo-se um cardeal da Bélgica, um arcebispo de Nova Escócia e bispos da Coréia e do Haiti, tomaram parte no último congresso. A semana encerrou-se com uma missão celebrada domingo à tarde conjuntamente por mais de quinhentos padres!

Isto deferiu muitíssimo da situação de seis anos atrás, quando o “batismo do Espírito” era olhado com suspeita pela maioria dos membros da hierarquia. Alguns sinais foram particularmente significativos, como o poderoso apoio dado pelo cardeal Suenes, primaz da Bélgica e uma das vozes mais progressistas da hierarquia da igreja. Reconhecido campeão da idéia da corres-

ponsabilidade dos bispos com o papa, Suenes deu ênfase a que as reformas estruturais introduzidas pelo Vaticano II deviam ser acompanhadas por renovação espiritual. “Os dons do Espírito são dados especialmente para edificação da comunidade cristã”, ele dizia ante o estádio lotado. “Depois do Vaticano II tivemos de fazer uma série de reformas, e temos de continuar a fazê-las. Mas não basta mudar o corpo. Precisamos mudar a alma, renovar a igreja e a face da Terra”.

A Hierarquia Americana

Em sua atitude de “aguarde e observe”, em 1969, a hierarquia da igreja católica romana alertava os bispos a que mostrassem “cautela” e “adequada supervisão” na questão do carisma católico. Salientando o envolvimento de “prudentes sacerdotes”, o relatório concluía que “o movimento neste ponto não deve ser tolhido mas permitido desenvolver-se”. Quatro anos mais tarde os bispos norte-americanos parecem satisfeitos com o crescimento e o comportamento dos grupos renovacionistas carismáticos de suas dioceses. “Uns poucos são entusiastas, e outros gostariam de conhecer mais”, afirmou o bispo auxiliar de Grand Rapids, Michigan, José C. Mckinney, que é moderador episcopal para a renovação carismática católica.

Muitos bispos, com efeito, têm notado os elementos positivos do movimento — mais profunda vida de oração, santidade pessoal, e as novas fontes de energia espiritual que seus membros têm espalhado ao redor. Acham eles que a renovação carismática é uma boa coisa para a igreja católica. Outros, porém, são céticos, e entre católicos não envolvidos no movimento há uma especial prudência. A afirmação de falar línguas, o alegado anti-intelectualismo, a linguagem muitas vezes tomada de empréstimo à terminologia protestante e a impressão dada por alguns de que são especialmente escolhidos, deixam muitos católicos intranquilos sobre o movimento que parece exceder a experiência tradicional católica.

Alguns aspectos refletem uma tendência anti-institucional entre uma minoria de católicos pentecostais — missa nacional, falta de interesse na liturgia tradicional, objeções a certas doutrinas.

Doutrina, por exemplo, pode ser algo de problemático para o católico pentecostal que,

à luz da descoberta de que a fé pessoal em Cristo é o que realmente conta, pergunta onde está o valor do batismo infantil. Mais geralmente, entretanto, os católicos carismáticos dizem que o ser terem sido batizados no Espírito Santo deu-lhes nova apreciação das doutrinas da igreja e aprofundou neles o significado dos sacramentos. “Agora”, tenho-os ouvido afirmar muitas vezes, “posso ver o significado por trás da estrutura, por trás do ritual. Encontrei a fonte em Jesus Cristo, algo que me faltava por completo”.

“Deixai-me partilhar convosco um segredo”, disse o cardeal Suenes à multidão reunida no estádio de Notre Dame, “quanto ao modo de receber melhor o Espírito Santo. O segredo de nossa união com o Espírito Santo é nossa união com Maria, a mãe de Deus”. A essas palavras os 25 mil presentes puseram-se de pé e aplaudiram com louvores por um longo período, como indicação de sua preocupada dedicação à doutrina católica.

O mesmo é verdade quanto a sua relação com a hierarquia. Diferentes de outros campeões de renovação espiritual, os católicos pentecostais geralmente não influenciam pessoas a deixarem a igreja. Ao contrário, os bispos vêem-nos muito mais obedientes e dóceis quando corrigidos — estranho fenômeno neste século de intransigência.

Sois o Sucessor de Pedro

Em recente reunião em Notre Dame os oradores deram ênfase de novo à necessidade de os católicos carismáticos trabalharem em obediência a seus bispos, e pedirem que estes os guiem. O padre jesuíta Cohen, de Nova Orleans, capelão dos estudantes na Universidade Loyola e cabeça do grupo pastoral para a comunidade carismática ali, empenhou-se em que os grupos de oração nesse lugar tivessem contato com o seu bispo local, “para que ele veja que vocês não são um grupo subversivo. E o bispo se alegrará em saber que há um grupo de pessoas que especificamente deseja obedecer-lhe”. Dirigindo-se à hierarquia, Cohen apelou aos bispos para que verifiquem o que está acontecendo no movimento. “Onde na igreja de hoje”, ele perguntava, “encontrais um número assim sempre crescente de membros reclamando vosso apoio e guia?”

Então, endereçando suas palavras a Paulo VI, ele lhe implorou que oferecesse o seu discernimento ao movimento, e fizesse “um juízo sobre a verdadeira natureza e o adequado uso dos dons [carismáticos]”. “Sois o vigário de Jesus Cristo na Terra, o Filho do Deus vivo. Sois o sucessor de Pedro. Sobre esta rocha Jesus construiu a Sua igreja. Estamos fundamentados nesta rocha, e nela permanecemos”, ele concluiu. Com esta súplica, de novo a multidão explodiu em aplausos e cânticos de aleluia, ovacionando longamente de pé o apelo de lealdade ao papa.

Um Novo Desafio

O pentecostismo católico romano é um fenômeno demasiado novo para ser devidamente aquilatado por alguém. O tempo será o maior teste de sua importância, efetivamente. Mas uma coisa permanece certa: Em nossa tentativa como obreiros adventistas do sétimo dia, de levar o evangelho eterno aos 45 milhões de católicos romanos nos Estados Unidos, só temos de reconhecer que estamos em face do desenvolvimento de um movimento dos mais importantes no catolicismo contemporâneo. Ao dirigir-se ao catolicismo ele tem o efeito de não derrogar qualquer doutrina ou prática, nem de erigir novas entidades nem novas igrejas, mas sim o de despertar no povo uma apreciação mais profunda da igreja católica e das tradições católicas. Seus adeptos falam tranqüila e constantemente sobre Jesus, e estão interessados em conduzir o povo a um encontro pessoal com Deus mediante o estudo das Escrituras.

Quanto disto é puro e indisfarçado emocionalismo, e quanto é verdadeira e genuína volta a Cristo está aberto à discussão. Penso, porém, que ele nos oferece uma nova e inigualável oportunidade para abrimos a Palavra de Deus aos católicos romanos que levam a sério a doutrina; uma nova ocasião de proclamar o evangelho plenamente, sem qualquer disfarce ou alteração da mensagem que Deus nos deu, uma mensagem tornada a mais apelativa, a mais bela porque centrada em Jesus Cristo. Quão relevante a afirmação da pena inspirada, de que “de todos os professantes cristãos, os adventistas do sétimo dia devem ser os primeiros em exaltar a Cristo perante o mundo”. — *Obreiros Evangélicos*, p. 156.



O Santuário Celestial – Mito ou Realidade?

NO FUTURO SURGIRÃO ENGANOS DE TODO TIPO, E PRECISAMOS DE TERRENO SÓLIDO PARA OS NOSSOS PÉS. PRECISAMOS DE SÓLIDOS PILARES PARA O EDIFÍCIO. NÃO SE DEVE TIRAR NEM MESMO UM ALFINETE DAQUILO QUE O SENHOR ESTABELECEU. O INIMIGO PROCURARÁ INTRODUIZIR FALSAS DOUTRINAS, COMO POR EXEMPLO A DE QUE NÃO EXISTE UM SANTUÁRIO (1).

Dr. Efraim Doce Martínez

Doutor em História e Professor no Colégio Adventista del Plata

16 SETEMBRO-OUTUBRO

Cristo Vem, Prepara-te!

A CRENÇA na existência de um santuário celestial onde Jesus agora ministra em favor dos homens caídos, constitui uma pedra fundamental da fé adventista.

Separar esta doutrina seria demolir a estrutura doutrinária fortalecida através dos anos, e que motivou a coesão eclesiástica da igreja remanescente.

O santuário celestial, estudado à luz dos símbolos do antigo cerimonial, contém um profundo significado, porque "é o templo de Deus que está no Céu, do qual Paulo fala em Hebreus 8 e nos capítulos seguintes, e do qual também o Senhor Jesus, como nosso sumo sacerdote, é ministro".²

O ministério sacerdotal do Filho de Deus deixaria de ter sentido bíblico algum se se omitisse a realidade do tabernáculo celestial. "Esta obra do juízo investigativo no santuário celestial começou em 1844, em cumprimento dos 2.300 anos, e terminará com o tempo de prova".³

À luz destas declarações que contêm a síntese das crenças fundamentais de nossa igreja, convém destacar certos aspectos desta verdade distintiva sobre o santuário celestial — não de um santuário celestial feito de material como cimento, pedra, ladrilhos, etc, com tudo enfim que implicaria a qualidade o que é *literal* em nossa vida de todos os dias,⁴ nem tão simbólico a ponto de parecer que se "se trata de algo irreal, místico, imaginário ou visionário",⁵ mas "daquele verdadeiro tabernáculo que o Senhor construiu, não o homem".⁶

1. Há um *Santuário real* no Céu.

Paulo: Heb. 8:2.

João: Apoc. 15:5.

White: "Cristo entrou num santuário celeste para oferecer o Seu próprio sangue".⁷ "O verdadeiro tabernáculo no Céu é o santuário do novo pacto".⁸

2. O Santuário celestial *não* é o Céu, senão que *está* no Céu.

Paulo: Heb. 8:2, 9:11.

João: Apoc. 13:6, 15:5.

White: "O santuário no Céu é centro mesmo da obra de Cristo em favor dos homens".⁹

3. Esta doutrina é partilhada pelos autores do Antigo Testamento.

Moisés: Êxo. 24:9; 25:40; 26:30, etc.

Davi: I Crôn. 28:19.

Esdras: II Crôn. 30:27.

4. Esta crença é reforçada no Novo Testamento.

Paulo: Heb. caps. 8, 9, 10.

João: Apoc. caps. 11, 13, 15, 19 e outros.

5. Este dogma de fé aparece sustentado nos escritos do Espírito de Profecia.

6. O santuário celestial é o que viram Moisés e João.

Moisés: Êxo. 25:40; Núm. 8:4.

João: Apoc. 11:19 e outros.

White: "Deus apresentou a Moisés no monte uma visão do santuário celestial".¹⁰

"E João diz que viu o santuário celestial. Aquele santuário, no qual Jesus oficia em nosso favor, é o grande original, do qual o santuário construído por Moisés era uma cópia".¹¹

7. O Santuário celestial foi *modelo* para o terrestre.

Moisés: Êxo. 25:40.

White: "É o grande original [o santuário terrestre] do qual o santuário construído por Moisés era uma cópia".¹²

"O santuário celestial, no qual Jesus ministra, é o grande modelo, do qual o santuário construído por Moisés não era mais do que uma transcrição".¹³

"Moisés fez o santuário terrestre segundo um modelo que lhe foi mostrado".¹⁴

8. O santuário celestial tem as mesmas características do terrestre.

Davi: I Crôn. 28:19.

9. O santuário celestial é de maiores dimensões que o terrestre.

Paulo: Heb. 9:11: "*Maior* e mais perfeito tabernáculo".

White: "Foi uma representação em miniatura [o santuário terrestre] do templo celestial".¹⁵

10. A negação da existência do santuário celestial afastará alguns da fé.

Paulo: I Cor. 11:19.

Pedro: II S. Pedro 2:1.

White: "O inimigo proporá falsas doutrinas, tais como a de que *não existe um santuário*. Este é um dos pontos nos quais alguns se afastarão da fé".¹⁶

CONCLUSÃO

Aprove à Divindade dar aos homens caídos certas manifestações evidentes vinculadas com as maravilhas das realidades celestiais. Entre elas, o Tabernáculo, erigido durante a peregrinação para Canaã, constitui um símbolo fundamental do plano da salvação: "Sei que a questão do santuário", destaca o Espírito de Profecia", como a temos sustentado durante tantos anos, está baseada na justiça e na verdade. O inimigo é quem desvia as mentes. Agrada-lhe



quando os que conhecem a verdade se dedicam a colecionar textos para amontoá-los em torno de teorias errôneas, que não têm o fundamento da verdade".¹⁷

É certo que o Criador não nos deu as características exatas do assento do Seu trono nem muitas coisas que "o olho não viu, e o ouvido não ouviu", mas isto não autoriza a quem apenas pode resistir a "sombrias" dessa realidade, a pôr em dúvida a existência por desconhecer a medida exata, o tamanho ou a forma do tabernáculo onde o Filho de Deus ministra.

A necessidade de uma representação adequada para a economia paleotestamentária, tornou concreto um santuário "segundo o modelo celestial", cujas medidas correspondiam, evidentemente, aos padrões humanos. (...) Mas quem pode medir as distâncias siderais? Seria necessário, para manter a fé de um mundo em rebelião, uma declaração da Divindade transmitida em metros? Em côvados? Em anos-luz?

"Satanás está lutando continuamente para sugerir suposições fantásticas com respeito ao santuário, degradando as maravilhosas apresentações de Deus e o ministério de Cristo por nossa salvação, a fim de convertê-las em algo que se ajuste à mente carnal. Ele tira do coração dos crentes o poder diretor dessas representações divinas e supre-o com teorias fantásticas inventadas para anular as verdades da expiação, e para destruir nossa confiança nas doutrinas que temos considerado como sagradas desde que foram dadas pela primeira vez na mensagem do terceiro anjo".¹⁸

1. Ed. p. 168.
2. El Ministerio Adventista, março-abril de 1960, p. 20.
3. Resumo das Doutrinas Fundamentais, no Voto Batismal, p. 2, n.º 8.
4. El Ministerio Adventista, nov.-dez. de 1968, pp. 22, 23.
5. Ibid.
6. Heb. 8:12.
7. Test. Seletos, II, p. 211.
8. Conflito dos Séculos, p. 469; Test. Seletos, II, p. 210; O Desejado, p. 138.
9. Conflito dos Séculos, p. 543; Test. Seletos, I, p. 89; II, pp. 211-213; Conflito dos Séculos, p. 469.
10. Patriarcas e Profetas, p. 356.
11. Id., pp. 370, 371; Conflito dos Séculos, p. 466.
12. Ibid.
13. Conflito dos Séculos, p. 466.
14. Id., 467.
15. Patriarcas e Profetas, p. 356.
16. Ed. p. 168.
17. Obreiros Evangélicos, p. 318.
18. Ed. p. 169.

MUDOU DE ENDEREÇO?

Para que não se interrompa a remessa de O Ministério Adventista, envie-nos o seu novo endereço. Com todo o prazer continuaremos a atendê-lo.

Nome

Endereço anterior

Novo endereço

Envie à CASA PUBLICADORA BRASILEIRA.

OS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA RESPONDEM A PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA



Discorrendo sobre o final banimento do pecado do Universo, acrescenta Parker:

Por destruir o mal, não quero dizer sua segregação numa prisão moral, que será ampliada através dos séculos e gerações até tornar-se habitação de inúmeros milhões de rebeldes, mas sim sua completa, final, eterna extinção, de modo que o Universo afinal será "sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante" — o puro lar de uma criação pura. — Id., p. 160.

Comentando sobre a "Destruição de Sodoma", Parker nega que, "dando vida, Deus tenha posto absolutamente além de Seu poder readquiri-la ou tirá-la". Sobre as implicações disso, comenta:

Uma vez tendo-vos dado vida, sois tão imortais como Ele próprio, e podeis desafiá-Lo a interferir em Sua própria obra! A doutrina, parece-me a mim, envolve uma palpável absurdidade, dificilmente lugando à acusação de blasfêmia. Através de toda a Bíblia, Deus tem reservado para Si mesmo o direito de retomar tudo que Ele tenha concedido, porque todos os Seus dons foram oferecidos sob condições acerca das quais não pode haver engano. — Id., p. 222.

Neste caso [de Sodoma] temos um exemplo de destruição completa e eterna. Vemos aqui o que quer dizer "punição eterna", pois diz-nos o Novo Testamento que Sodoma sofreu "a pena do fogo eterno", isto é, de fogo que põs um fim completo a sua existência, cumprindo perfeitamente o propósito de Deus. O "fogo" foi "eterno", no entanto Sodoma não está ainda ardendo literalmente; o fumo de seu tormento, sendo o fumo de um fogo eterno, subiu para sempre e sempre, e todavia não está ainda subindo fumo daquela planície. "Fogo eterno" não envolve o elemento disso a que chamamos "tempo". Quer dizer completo, perfeito, absoluto, final: aquilo que é feito ou dado de uma vez para sempre. — Id., p. 223.

BISPO JOHN J. S. PEROWNE (1823-1904), douto hebreu, bispo anglicano de Worcester.

Hulsean Lectures on Immortality (Conferências Hulseanas sobre Imortalidade), 1868.

A imortalidade da alma não é nem contestada nem afirmada no Antigo Testamento. — *Hulsean Lectures on Immortality*, p. 31.

A imortalidade da alma é um fantasma que se esquivava ao nosso ansioso desejo de agarrá-lo. — *Ibid.*

SIR GEORGE G. STOKES (1820-1903), lente de matemática, Cambridge; presidente da Sociedade Real; membro do parlamento.

That Unknown Country (Aquele País Desconhecido (simpósio), 1889.

Immortality (Imortalidade), simpósio de clérigos.

Era natural que, depois de, pela transgressão, perder a imortalidade, o homem buscasse satisfazer seus anseios de imortalidade, imaginando possuir algo de imortal em sua natureza. É, pois, para a revelação que temos de olhar, se é que queremos descobrir algo acerca da condição do homem no estado intermediário. — *That Unknown Country*, p. 829.

Todo ser humano se perdeu pela Queda, e a vida futura não é seu direito de primogenitura, mas depende de uma dispensação sobrenatural de graça. Procurar na estrutura do corpo humano algum indicio de imortalidade, buscá-lo mesmo em suas altas faculdades mentais — altas, em verdade, mas tristemente abusadas — é buscar vivos entre os mortos. O homem deve buscar, não em si mesmo, mas fora de si a certeza da imortalidade. — *Immortality, a Clerical Symposium*, p. 123.

DR. W. A. BROWN (1865-1943), do Union Seminary, Nova Iorque.

The Christian Hope (A Esperança Cristã), 1912.

(De Israel veio a doutrina da ressurreição e do advento; da Grécia a doutrina da imortalidade natural.)

DR. J. AGAR BEET (1840-1924), lente wesleiano.

Last Things (Últimas Coisas).

Prefácio a *The Immortality of the Soul: a Protest* (A Imortalidade da Alma: um Protesto), 5.^a edição, 1902.

As páginas seguintes são (...) um protesto contra uma doutrina que, através de longos séculos, foi quase universalmente aceita como verdade divina ensinada na Bíblia, mas que me parece inteiramente alheia a ela, tanto na frase como na idéia, e derivada unicamente da filosofia grega. Até recentemente, essa doutrina alheia era relativamente inofensiva. Mas, como acabo de mostrar, está agora produzindo resultados muitíssimo sérios. (...)

Diz-se-á, naturalmente, desta como de algumas outras doutrinas que, se não explicitamente ensinada na Bíblia, é nela implicada e subentendida. (...) Os que reivindicam para seu ensino a autoridade de Deus, devem provar que ela procede dEle. Essa prova, nesse caso, nunca vi. — *The Immortality of the Soul* (5.^a ed., 1902). Prefácio.

DR. F. R. Weymouth (1822-1902), diretor

O MINISTÉRIO 19

1974, É Hora de Colher!

da Escola Mill Hill, tradutor do Novo Testamento em Linguagem Moderna.

Minha mente não concebe mais grosseira deturpação da linguagem do que quando cinco ou seis das palavras mais fortes que a língua grega possui, significando destruir ou destruição, são interpretadas como significando "manter uma existência eterna mas miserável". Traduzir preto em vez de branco não é nada em comparação com isto. — Citado por Edward White em *Life in Christ* (1878), p. 365.

New Testament in Modern Speech (Novo Testamento em Linguagem Moderna), nota sobre I Cor. 15:18:

Por "perdidos" o apóstolo aqui evidentemente quer dizer "deixar de existir".*

Sobre Heb. 9:28.

O uso, no Novo Testamento, de palavras como "morte", "destruição", "fogo", "perecer", para descrever a Retribuição Futura, aponta para a probabilidade de uma terrível angústia seguida da extinção do ser, como a condenação que espera aos que, pela persistente rejeição do Salvador, se demonstram completamente, e portanto irremediavelmente, maus.*

Sobre Apoc. 14:11:

Não há neste versículo coisa nenhuma que necessariamente implique uma eternidade de sofrimento.

Sobre Apoc. 20:10:

O "lago de fogo" implica terrível padecimento e completo e irremediável ruína e destruição.*

DR. Lyman Abbott (1835-1922), pastor congregacional e editor de *Christian Union* e *The Outlook*.

That Unknown Country (Aquele País Desconhecido), simpósio, 1889.

* Notas por Earnest Hampden-Cook, editor e revisor da terceira edição de *The New Testament in Modern Speech*, por Richard Francis Weymouth.

Fora dos muros de Jerusalém, no vale de Geena, conservava-se um fogo a arder perpetuamente, no qual era lançado o lixo da cidade, para ser destruído. Este é o fogo do inferno do Novo Testamento. Cristo adverte aos Seus ouvintes de que a persistência no pecado fará deles como que um lixo a ser lançado fora da cidade santa, para ser destruído. O bicho que não morre era o bicho que devorava as carcaças, e também é claramente um símbolo, não de tortura mas de destruição. — *That Unknown Country*, p. 72.

A noção de que a punição final do pecado seja a continuação no pecado e sofrimento baseia-se também, em parte, sobre o que a mim me parece uma falsa filosofia quanto ao homem. A filosofia é a de que o homem seja imortal por natureza. Tem avultado em mim a convicção de que, de acordo com o ensino tanto da ciência como da Escritura, o homem é por natureza um animal e, como todos os outros animais, mortal; que a imortalidade só pertence à vida espiritual; e que a vida espiritual só é

possível em comunhão e contato com Deus; que, em suma, a imortalidade não foi conferida à raça humana na criação (...) mas é conferida na redenção, a todos os membros da raça humana que escolham a vida e a imortalidade por Jesus Cristo, nosso Senhor. — *Ibid.*

DR. EDWARD BEECHER (1803-1895), teólogo congregacionista; presidente do Illinois College.

Doutrina da Retribuição Escriturística.

[A Bíblia] não reconhece, ao contrário, ela nega expressamente a natural e inerente imortalidade da alma. Ela nos assegura que só Deus é que tem a imortalidade. (I Tim. 6:16). Daí compreendemos que Ele possui a imortalidade no sentido mais elevado, isto é, imortalidade inerente. Toda a existência, além de Si mesmo. Ele criou, e Ele a mantém. Os homens não têm, como Platão ensinava, existência própria, não são seres eternos, imortais em sua própria natureza. (...) Não existe imortalidade inerente da alma como tal. O que Deus criou Ele mantém em existência, e pode aniquilar se quiser. — *Doctrine of Scriptural Retribution*, p. 58.

DR. EMANUEL PETAVEL-OLLIFF (1836-1910), teólogo suíço; lente da Universidade de Genebra.

La Fin du Mal.

The Problem of Immortality.

É digno de nota que a doutrina do tormento eterno não se encontra nem no Credo dos Apóstolos, nem no Credo de Nicéia, nem em duas das principais Confissões de Fé do século dezesseis, ou seja, o aliás rígido Credo da Igreja Reformada Francesa e os Trinta e Nove artigos da Igreja Anglicana. E cremos que, se este dogma passou para as Igrejas Protestantes, isto se deve simplesmente a uma herança dos erros da Idade Média e das teorias especulativas do Platonismo. Se examinarmos os escritos dos primeiros Pais, Barnabé, Clemente de Roma, Hermes, Inácio, Policarpo, Justino Mártir, Teófilo de Antioquia, Irineu e Clemente da Alexandria, encontramos todos fiéis à doutrina apostólica da destruição final dos ímpios. O dogma do tormento eterno não se insinuou na Igreja senão depois que ela cedeu à influência da filosofia platônica. — *The Life Everlasting* (A Vida Eterna), de Pettingell.

DR. FRANZ DELITZSCH (1813-1890), hebraísta, lente em Rostock, Erlanger, Lúpsia. *A New Commentary on Genesis* (Novo Comentário Sobre o Gênesis).

Não existe coisa nenhuma em toda a Bíblia, que implique uma imortalidade nativa. — *Comentário sobre Gên. 3:22.*

Do ponto de vista da Bíblia a alma pode ser morta, ela é mortal. — *Comentário sobre Núm. 23:10.*

BISPO CHARLES J. ELLICOTT (1820-1905), de Bristol, presidente da Comissão Inglesa de Revisão.

The Ceylon Evangelist, outubro de 1893.

Parece inconcebível que, se Deus é tudo em todos, existisse algum lugar sombrio onde, em meio a intermináveis sofrimentos de imposição própria, ou na intensificação de um ódio de eterna duração, mãos

rebeldes deveriam para sempre erguer-se contra o Eterno Pai e Deus de Amor Perpétuo. — *The Ceylon Evangelist*, outubro de 1893.

DR. GEORGE DANA BOARDMAN (1828-1903), pastor da Primeira Igreja Batista de Filadélfia; fundador da Fundação Boardman de Ética Cristã, da Universidade de Pensilvânia.

Studies in the Creative Week (Estudos Sobre a Semana da Criação), 1880.

Escrevendo sobre a questão da imortalidade, diz ele:

Nem uma única passagem da Santa Escritura, do Gênesis ao Apocalipse, ensina, quanto eu esteja apercebido, a doutrina da imortalidade natural do homem. Por outro lado, a Escritura Sagrada afirma positivamente que só Deus é que tem a imortalidade (1 Tim. 6:16); isto é: Deus, unicamente, é imortal, natural e inerentemente, em Sua própria essência. — *Studies in the Creative Week*, pp. 215 e 216.

Se, então, o Homem é imortal, é porque a imortalidade lhe foi conferida. Ele é imortal, não porque assim fosse criado, mas porque assim se tornou, derivando sua ausência de morte d'Aquela que, só, possui a imortalidade. E deste fato parece que a Arvore da Vida, no meio do Jardim, se destinava a ser símbolo e penhor. Que este é o sentido da Arvore da Vida é evidente das palavras finais do Arquivo da Vida: "Então disse o Senhor Deus; Eis que o Homem é como um de Nós, sabendo o bem e o mal; ora, pois, para que não estenda a sua mão, e tome também da Arvore da Vida, e coma e viva eternamente; o Senhor Deus, pois, o lançou fora do Jardim do Éden, para lavrar a terra de que fora tomado. E havendo lançado fora o homem, pôs Querubins ao oriente do Jardim do Éden, e uma Espada Inflamada que andava ao redor, para guardar o caminho da Arvore da Vida". Gên. 3:22-24. Se o Homem é inerentemente imortal, que necessidade havia de qualquer Arvore da Vida? Isto, então, se evidencia claramente: A imortalidade foi parabolicamente condicionada ao comer dessa Arvore misteriosa, e a Imortalidade se destinava ao Homem todo: espírito, alma e corpo. — *Id.*, p. 216.

J. H. PETTINGELL (1815-1887) congregacionista, secretário distrital da Mesa Congregacionalista das Missões Estrangeiras.

The Theological Trilemma (Endless Misery) (O Trilema Teológico — Miséria Sem Fim).

Universal Salvation, or Conditional Immortality, 1878.

Platonism versus Christianity, 1881.

The Life Everlasting: What Is It? Whence Is It? Whose Is It? (A Vida Eterna: Que é? De Onde Vem? De Quem é?), 1882.

The Unspeakable Gift (O Dom Inefável), 1884.

Conferências Sobre o Condicionalismo

No século dezenove, além de haver grande reavivamento de expoentes individuais sobre o

condicionalismo, realizaram-se conferências, como a grande Conferência Londrina Sobre a Imortalidade Condicional, 15 de maio de 1876, sendo publicado um relatório da mesma. Reunidos sob a presidência do general Goodwyn, o auditório incluiu adeptos preeminentes como Henry Constable, Edward White, Minton, Heard, Howard, Leask, Tinling e Barrett, com mensagens do Dr. Pétaavel da Suíça, Dr. Weymouth da Escola de Mill Hill, etc. Os pontos principais da conferência foram: "A Bíblia em parte alguma ensina a imortalidade inerente; ensina, porém, que é objetivo da redenção comunicá-la. (...) Essa comunicação requer que o homem se regenere, pelo Espírito Santo, e que haja a ressurreição dos mortos". — Página 28. Declarou que a fruição da imortalidade é *condicional*; e que aqueles que não quiserem voltar-se para Deus morrerão e perecerão eternamente. "Fora de Cristo não há vida eterna".

O Dr. White declarou, nessa ocasião:

Estas são as idéias que aqui nos trouxeram esta manhã. São agora mantidas firmemente por imensa multidão de pessoas pensantes de todas as terras, pois embora sejamos apenas um pequeno número aqui reunido, representamos uma legião imensa, na Europa e na América. Essas idéias estão-se espalhando dia a dia entre as igrejas; e numeram entre os seus adeptos alguns dos principais cientistas, teólogos, missionários, filólogos, filósofos, pregadores e estadistas. — *Relatório da Conferência de Londres, Sobre a Imortalidade Condicional*, pp. 28 e 29.

Surgem Simpósios Importantes

Dentro de uma década surgiram vários simpósios importantes: *Life Everlasting* (199 páginas, 1882), com vinte colaboradores; *That Unknown Country* (943 páginas, 1889), estudo de prós e contras, com 52 bem conhecidos colaboradores; e um terceiro: *Immortality: a Symposium*, publicado na Inglaterra. Aparecendo em ambos os lados do Atlântico, indicam o vasto interesse denominacional e internacional nesse importantíssimo tema. Note-se o primeiro, de 1882, publicado em Filadélfia:

Simpósio de Pettingell: The Life Everlasting. — Simpósio de 199 páginas (aparecido como suplemento a *The Life Everlasting*, de Pettingell, em 1882). Teve os colaboradores seguintes:

Dr. Leonard Bacon, pastor da Igreja Congregacional de Park, Norwich, Connecticut; Dr. Edward White, congregacionista, da Capela de S. Paulo, Londres; George R. Kramer, pastor independente, da Igreja dos Domésticos da Fé,

de Wilmington, Delaware; Joseph D. Wilson, reitor da Igreja Reformada Episcopal, de Chicago; A. A. Phelps, pastor da Igreja Congregacional de Rochester, Nova Iorque, editor de *The Bible Banner*; Dr. A. M. B. Graham, presidente da Conferência Cristã de Arcansas, e da União Cristã de Temperança de Arcansas; William B. Hart, leigo, Filadélfia; Dr. William Leask, pastor congregacionalista da Capela de Maberly, Londres; editor de *The Rainbow*; Dr. Emanuel Pétavel (Pétavel-Olif), Genebra, Suíça, autor de *La Fin du Mal*, traduzido para o inglês sob o título de *The Struggle for Eternal Life*; Dr. J. H. Kellogg, superintendente do Sanatório de Battle Creek, Michigão, autor de *The Soul and the Resurrection*; Prof. D. H. Chase, metodista, Middletown, Connecticut; Charles Byse, pastor da Igreja Evangélica Livre, de Bruxelas, Bélgica, e editor de *Eglise Chretienne Missionnaire Belge* e *Journal du Protestantisme Française*; William Lang, autor, Edimburgo; M. W. Strang, editor de *The Messenger*, Glásgua; Prof. Hermann Schutz, Universidade de Goettingen, Alemanha, autor de *Die Voraussetzungen der Christlichen Lehre von der Unsterblichkeit* (Princípios da Doutrina Cristã da Imortalidade); Dr. Clement M. Butler, reitor da Igreja Trinitária de Washington, D. C. e lente de História da Episcopal Divinity School, Filadélfia; Dr. Matson Meier-Smith, pastor congregacionalista e lente de Homilética e Cuidado Pastoral na Episcopal Divinity School, Filadélfia; Henry Constable, autor anglicano, Londres; Dr. C. R. Hendrickson, pastor da Igreja Batista de Jackson, Tenessi; Dr. W. R. Huntington, reitor

da Igreja de Todos os Santos, Worcester, Massachusetts.

Denúncia do Dr. Phelps à Imortalidade Inata. — O Dr. Phelps, em sua obra "Is Man by Nature Immortal?" (pp. 639-650), apresenta doze pontos contra a doutrina da imortalidade inata:

1. Tem má história; foi introduzida pela serpente no Éden, e provém de uma filosofia pagã; não se encontra na crença judaica; compromete-se com o Platonismo; é adotada e autenticada pela Igreja de Roma.

2. Está em desacordo com o registo escriturístico da criação do homem.

3. Colide com a declaração bíblica da queda do homem.

4. Opõe-se à doutrina escriturística da morte.

5. Opõe-se igualmente a fatos fisiológicos.

6. Em parte alguma é atribuída ao homem a imortalidade em seu estado presente de existência.

7. A imortalidade é uma bênção que tem de ser buscada, e não é um direito inato.

8. A imortalidade inerente opõe-se ao ensino escriturístico sobre a condenação dos ímpios.

9. Anula a necessidade da ressurreição.

10. Reduz a cena do julgamento a uma farsa solene.

11. Subverte a doutrina bíblica da segunda vinda de Cristo.

12. É prolífica fonte de erro: Mahometismo, Shaquerismo, Suedeborgianismo, Espiritualismo, Purgatório, Mariolatria, Universalismo, Tormento Eterno.

(Continua no próximo número.)

JÁ SE INICIOU O PLANO CASSETE DO MÊS

Inscrevendo-se V. poderá receber durante 1974:

12 fitas cassete com 1 hora de gravação. Cada uma com o seguinte material:

5 com música instrumental para igreja

1 com música cantada

5 com sermões escolhidos

1 com parte do Evangelho de S. João, lido pelo Pastor Roberto Rabello.

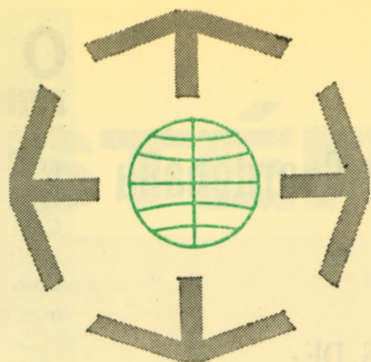
PEÇA INFORMAÇÕES A:

Associação Ministerial
Divisão Sul-Americana
Casilla 286
Montevideu — Uruguai

O PREÇO?

Vai custar mais barato que os cassetes sem gravação!

NOTAS



BREVES

* Presença do Papa nos EE. UU.

No Congresso Eucarístico Internacional da Igreja Católica Romana, a realizar-se em Filadélfia, EE. UU., em 1976, deverão estar presentes centenas de milhares de pessoas, mas a nota dominante nos planos desse monumental congresso católico é grande possibilidade que a ela compareça o próprio Papa Paulo VI.

O objetivo de realizar-se nos EE. UU. o referido congresso é a promoção de "uma renovação espiritual em termos nacionais da igreja católica na América do Norte". (The Ministry)

* Testemunhas de Jeová Disciplinam

Os 11 membros do corpo dirigente da igreja das Testemunhas de Jeová anunciaram que pessoas fumantes não serão mais aceitas como membros das congregações. Aos fumantes que já são membros estão sendo dados seis meses de prazo para que deixem o vício, ou "serão eliminados da congregação". (The Ministry)

* Sínodo dos Bispos

O Papa Paulo VI determinou que a próxima Assembléia Geral do Sínodo dos Bispos tenha início no dia 27 de setembro de 1974. Os trabalhos deverão estender-se por um mês. No Brasil, os 4 delegados e 2 suplentes estão sendo escolhidos nas assembléias regionais da CNBB (CEI)

* Visita Ecumênica

O imperador da Etiópia, Hailé Salassié, em companhia de três outros chefes de Estado africanos, os presidentes Kaunda (Zâmbia), Telber (Libéria), e Nimeiry (Sudão), encontraram-se há dias com o papa. O fim deste encontro foi debater um Estatuto dos Lugares Santos, em relação às principais religiões que têm santuário em Jerusalém. Foi uma visita "ecumênica", pois

são 4 chefes de Estado africanos de religiões diferentes: católica, ortodoxa, muçulmana e protestante. A notícia causou silêncio total nos meios diplomáticos da capital da Etiópia, que se mostraram céticos em relação a essa iniciativa do imperador Salassié. (CEI)

* Igreja Lança Cartão de Crédito

A igreja católica romana de Bufalo, Nova Iorque, deu início a um plano de aceitação de cartões de crédito em garantia de ofertas em dinheiro. A igreja da Coroação da Virgem Maria lançou o plano como meio de aumentar as suas entradas financeiras.

Paulo Totaro, membro da comissão de finanças da igreja, disse que o cartão de crédito ajuda os paroquianos no plano de contribuição sistemática. "Uma igreja não pode sobreviver com donativos na ordem de 50 centavos de dólar, e isto é muitas vezes tudo que resta no bolso do doador nos domingos de manhã, após os seus pagamentos da semana. Com os cartões de crédito", ele disse, "muitos membros passaram a dar de 15 a 30 dólares como oferta". (The Ministry)

* Bispos Católicos Pregam em Igrejas Protestantes

A Semana de Oração para a Unidade Cristã, realizada em Guadalajara, México, e que terminou a 25 de janeiro último, dia da conversão de São Paulo, segundo o seu calendário, teve como promotor o Grupo da Amizade Ecumênica. Este grupo iniciou suas atividades há cinco anos, e suas reuniões se realizam em diferentes templos cristãos da cidade.

Nessa ocasião, pela primeira vez na história da cidade, os bispos católicos romanos, Rafael Garcia, Auxiliar de Guadalajara, e Antônio Sahagún, bispo de Linares, pregaram numa igreja protestante, a igreja congregacional, como também na igreja episcopal. (ICIA)

Programa de Ação Coordenada

ATIVIDADES DE:

Agosto — Setembro

AGOSTO:

11 — Plano de visitação da igreja. **MOR-
DOMIA.**

17 — Iniciar a **GRANDE CAMPANHA DE
EVANGELIZAÇÃO** que abarcará to-
do setembro e parte de outubro. Co-
mo preparação haverá reuniões de
INSTRUÇÃO, Quartas e Sextas-feiras.

31 — Bastismo mensal.

SETEMBRO:

**CONTINUA A GRANDE CAMPANHA
COM PARTICIPAÇÃO DE TO-
DAS NOSSAS FORÇAS.**

21 — **GRANDE BATISMO — CEIFA DE
PRIMAVERA.**

Ademais, continua a operação **IMPACTO**,
colocando cartazes, adesivos e avisos com
a declaração: **CRISTO VEM, PREPARA-TE.**

24 SETEMBRO-OUTUBRO

O **MINISTÉRIO** adventista

O **MINISTÉRIO ADVENTISTA** — Publi-
cado bimestralmente pela ASSOCIA-
ÇÃO MINISTERIAL DA IGREJA AD-
VENTISTA DO 7.º DIA — Editado pela
Casa Publicadora Brasileira, Av. Pe-
reira Barreto, 42 — 09000 - Sto. André,
São Paulo.

Ano 40 Setembro-Outubro, 1974 N.º 5

DIRETOR —
RUBÉN PEREYRA

GERENTE GERAL —
BERNARDO E. SCHÜNEMANN

REDATOR —
CARLOS A. TREZZA

COLABORADORES —
R. A. WILCOX, ENOQUE DE OLI-
VEIRA

DEPTO. DE ARTE —
HENRIQUE C. KAERCHER

Assinatura Anual US\$ 3,00
Número Avulso US\$ 0,50

NESTE NÚMERO

De Coração a Coração:	
Os Movimentos Finais Se- rão Rápidos	2
Evangelismo:	
O Grande Cristão Paulo	4
Na Contagem para o Sé- culo 21	7
Pastoral:	
“Os Dez Mandamentos para Obreiros”	8
Ano da Colheita:	
Ação e Sacrifício	9
Artigos Gerais:	
Necessitamos de Mais Ser- mões “Ad Hoc”	10
Pentecostismo Católico	12
O Santuário Celestial — Mi- to ou Realidade?	16
Perguntas Sobre Doutrina	19
Notas Breves	23
Programa de Ação Coordenada 24	